

BEJA-CRÈCHE

OTECA

- 74

M. R. B. P.









# REVISTA DA CRECHE



TRIBUTO DE Homenagem  
 ÀS  
 SENHORAS QUE TEM COADJUVANDO  
 A COMISSÃO DA CRECHE...





As Ex.<sup>mas</sup> S.<sup>as</sup>

*D. Adelaide Guedes, D. Adelaide Navarro,  
D. Adelaide Pegas Carneiro, D. Barbara Braga,  
D. Carlota Navarro, D. Francisca Penedo Moura,  
D. Lavinia Braga, D. Maria Benedicta Guedes e  
D. Marianna Penedo Vêble de Carvalho,*

que tanto distinguem com o seu brilhante concurso o sarau musical em beneficio da creche

apresenta o testemunho do seu profundo reconhecimento

A Comissão





# BEJA-CRÊCHE

NUMERO UNICO

PUBLICADO PELA COMISSÃO DA CRÊCHE E DEDICADO ÀS SENHORAS  
QUE A TÊM COADJUVADO

Abril

1885

COLLABORADORES



Abel da Silva, Alfredo Cunha, Anselmo de Andrade, Anthero de Queiroz, D. Antonio da Costa, Antonio José de Carvalho, Camillo Castello Branco, Cesar de Sá, D. Theodorico Campos, Eça de Queiroz, Eduardo Garrido, Ferrer Farol, Fialho d'Almeida, Gomes Palma, Guiomar Torrezão, João de Sousa Tavares, Luiz Guimarães, Luiz de Vasconcellos, Matheus Peres, Mimoso Rodrigues, Rodrigues Braga, Silva Gayo, Sousa Macedo, Trindade Coelho, Virgolino Carneiro e Visconde de Monsaraz.

## A CREAÇA E A CRÊCHE

O affecto enlaça a familia. A esposa tornou-se em mãe. Verte-lhe do seio candaloso leite. Os braços, ainda convulsos, estreitam o doce fructo do seu amor. Olha para o esposo, que está absorto; sorriem-se ambos de felicidade ao verem-se unificados no fructo vivo da sua mutua affeição. Nasceu uma creaça. Pagando o tributo à dor humana, chorou ao entrar no mundo, e extenden os bracinhos pedindo soccorro.

Pae e mãe curvam-se deante da creaça, e ninguem alli manda senão aquella imperceptivel imagem da humanidade, que não vê, que não ouve, que nem sabe que existe. Era hontem uma esperanza, é hoje uma realidade.

Cria-se no lar. Toma alimento e forças. Quando os olhos deixam o vago para receberem a inspiração da alma, forma-se-lhe o olhar e fixa-se em doce estreia nos olhos, ansiosamente curiosos, da feliz que lhe deu o ser. Pula ao calor do seio materno. Desprende-se-lhe dos labios infantis o primeiro beijo, que os labios maternos bebem sofredros, que se n aquelle beijo estivesse a vida. Falla-lhe então uma linguagem silenciosa, que só a mãe comprehende, e entende o que ella diz no olhar e no sorriso. Fallam-se ambas a rir e a chorar. Vem balbuciante a magica palavra, aguardada com tamanho alvoroço, o nome de mãe quasi adivinhado, como encerrando um hymno de amor. Vem aquelle doce alvorecer de cada antemanhã, em que a joven mãe, ciosa da luz e de tudo, ergue a cabeça para se assegurar que não lhe roubaram do berço o fructo das suas delicias. Vem aquelle deitar de todas as noites, em que a mãe

assentada e o filhinho no collo, quasi despidos de vestes, mas cobertos de innocencia, brincam ambos a beijarem-se entre risos, não se sabendo qual dos dois é mais infantil; acabando a creaça por deixar pender a fronte no seio materno, e a mãe por ficar alli, estatura do amor, adorando aquella viva miniatura da sua propria alma.

Mas se estes são, como outr'ora patentei, os sentimentos universaes, nascida a creaça, principia logo a sorte d'ella, rica ou pobre. A rica tem deante de si todos os cuidados e todos os confortos; a necessitada obriga os paes a abandonal-a para ganharem o pão quotidiano, ou a deixarem-n'a exposta a mil perigos.

Uma idéa sublime nasceu do espirito humano para resolver esta questão importantissima: «Os paes não hão de ficar sem pão, nem a creaça ha de ficar sem amparo». Tal foi o brado humanitario que soon no mundo. D'este brado originou-se a instituição das crêches.

Portugal, esta nação, toda amor, não ficou inerte deante da grande palavra que salvou os pequeninos. As crêches, felizmente, popularisam-se entre nós. Mais outra cidade vai inscrever o seu nome caritativo na lista das nossas povoações que as fundam. E assim como nos descampados do Alemtejo surge ao cansado viajante a fidalga Beja com as suas torres formosas e o seu sorriso hospitaleiro, assim tambem nos descampados da penuria vai surgir na mesma cidade a instituição agasalhadora das creaças.

Gloria lhe seja!

Lisboa, 12 de março de 1885.

D. ANTONIO DA COSTA.



REG. 199

Reg. n.º 6455

## A CRÊCHE DA MIMI

(Conto singelo)

A pequena Mimi — um anjo de bonita, um cherubim roubado ás telas de Corregio, levantava-se cedo, e tinha, coitadita, de, logo de manhã, sair para o collegio.

Mas antes de vestir-se, enquanto não chegava a velha aia ingleza esgrouviada e secca, aos cuidados da mãe Mimi recommendava, com lagrimas, a filha — o mono da boneca.

Funda e sincera dor! Causava tanta pena que até a propria mãe fingia, complacente, adormecer no collo, aos olhos da pequena, o pesado trambolho a figurar de gente.

Socegava a Mimi. E então, quasi a sorrir-se, sempre antes de sair timidamente vinha no collo da mamã beijal-a, ao despedir-se, — saudosa mãe que entrega á crêche uma filhinha.

Coitada! E já sentia a pequenina afflicta o que hão de as mães sentir, e hão de soffrer tambem!  
— Um germen, um alvor, na pobre creancita, do sancto e casto amor d'um coração de mãe!

Coimbra.

ALFREDO CUNHA.

### A CARIDADE MODERNA

A sciencia decretou que o pauperismo era uma lei fatal em todas as coizenças sociais, portanto abandonou o proletariado ás contingencias da miseria. A consciencia publica, sem discutir os cavilismos subits de economia politica, affirma nos parlamentos que o unico imposto voluntario da epocha tende a resgatar os indigentes da escravidão do infortunio.

Aqui está um facto, perante o qual vale mais a consciencia do que a sciencia.

A collectividade, nos seus multiplos elementos, principia a reconhecer, em manifestações eloquentes, o direito dos desvalidos. A infancia desprotegida e a velhice invalida vem sair-lhes no encontro a caridade moderna, sem a mascara do pudor biblico, mas com a fronte leal do altruismo philosophico, que dará mais tarde á sua doutrina os forcos de lei.

Hoje a evolução affectiva, amanhã a revolução intellectual.

Beja responde ao movimento civilizador firmando as bases de uma crêche, onde o genio do Bem servirá de amparo a creanças desditosas, que só tem no seu lar o quadro da fome na moldura da desgraça.

Curve-me, em respeito, deante de Beja.

As senhoras, nos fulgores do seu espirito, vão suavisar com rosas de amor os espinhos da desventura, cravados na sorte da infancia lacrimosa. Transformando os suspiros de lenta agonia em confortos de suave ventura, as senhoras de Beja verão nos labios da innocencia os sorrisos de Deus. Os cavalheiros generosos, que presidem á festa humanitaria, terão no segredo varonil de suas convicções austeras a maior gloria dos seus triumphos.

Na cruzada do Bem a crêche é, apenas, um principio na vasta doutrina da reforma altruista. Ninguém se assuste com o «altruismo», que só revela no sentido cordato as affinidades psychicas do organismo social, tendentes a congruar, nos limites da lei historica, os direitos naturaes com os deveres de convención — os direitos da vida organica com os deveres de vida moral.

O altruismo é uma garantia para o proletariado, pondo-se ao serviço dos seus martyres; para a lei, pondo-se no lado da ordem.

A crêche, que é uma perola da alma, sanctifica esta verdade.

Lisboa.

FERRER FAROL.

Uma creança que salta,  
Que canta, que ri e chora,  
É uma risonha aurora  
Que o coração nos esmalta! . . .

Triste d'aquelle a quem falta,  
Na vida que se evapora,  
Uma creança que salta,  
Que canta, que ri e chora!

Se o desalento me assalta  
E a doença me devora,  
Dá-me uma extranha melhora  
Que me anima e que me exalta,  
Uma creança que salta,  
Que canta, que ri e chora!

MACEDO PAPANÇA

Visconde de Monsaraz.

No meio dos muitos symptoms de enfraquecimento e desordem moral, que a sociedade contemporânea apresenta, e que, no pensar de muitos, parecem indicar uma degeneração dos elementos mais íntimos da civilização, ha um facto consolidador e que contrasta singularmente com aquellas tendencias morbidas: é o desenvolvimento extraordinario que a caridade tem tomado por toda a parte, se não como sentimento individual, o que é quasi impossivel verificar, pelo menos como facto social e colectivo, como caridade, digamos assim, cívica e secular.

Esta especie, pôde dizer-se nova, de caridade e característica do nosso tempo, se não vem aureolada, como a outra, a das sociedades profundamente piedosas, por aquella poesia com que só a commoção íntima e o sentir religioso têm o condão de revestir quanto elles inspiram e quanto d'elles sae, tem ao menos por si o vulto e grandeza material, se assim se pôde dizer, dos resultados que consegue. Subscrições abertas para acudir a alguma grande calamidade, que assola regiões inteiras e faz victimas aos milhares — inundações, terremotos, crises industriaes — junctam em poucas semanas sommas tão consideraveis, que só por centenas de contos se podem calcular.

E não é só extraordinariamente e com intermitencias que esta claridade cívica opera, mas tambem d'uma maneira regular e constante, por meio de instituições, que o seu espirito, mais forte que as doutrinas liberas ou individualistas, tem imposto ao Estado moderno, como uma função nova, não prevista pelos publicistas doutrinaes. Dela ao do seu influxo irresistivel, o Estado moderno, apesar de theoreticamente liberal, tornou-se de facto cezarista. É paé dos pobres e, como outr'ora os Cezares romanos, distribua a annonas aos necessitados. N'esta esphera da caridade, não só cívica mas official, a grandeza material dos resultados é, como se poderia prever, ainda mais consideravel: o simples orçamento das instituições de caridade official da cidade de Paris é de mais de 2.000 contos por anno — o orçamento do exercito de algumas nações pequenas!

Diz-se-lha (e tem-se dicto) que esta caridade secular é uma falsa caridade; que, se abstrahirmos dos resultados e considerarmos só o sentimento,

acharemos nelle muita impureza, que o deturpa; que, finalmente, o bem que se faz, ou á custa do orçamento do Estado, ou por meio de subscrições espectaculosas, de concertos, bazares e bailes, onde impera mais que tudo a vaidade, pôde ser cousa util, cousa recommendada até pela boa politica, mas não merece o nome sublime de Caridade.

Ha certa verdade nisto, e reconhecemos que não é esta rigorosamente a Caridade do Evangelho. É Philanthropia; — e o facto de ter surgido nas linguas modernas esta palavra nova só por si bastaria a mostrar (apesar dos apódos inintelligentes de certos puristas) que o sentimento que produz este grande phenomeno social é distincto da Caridade propriamente dicta. O sentir geral leve d'isto uma noção obscura, e adoptou a palavra nova para exprimir uma cousa, que, apesar de não poder definir claramente, percebia ser nova tambem.

Mas o que é então esse sentimento novo? o que é e o que vale essa apreghada Philanthropia?

Vastas paginas escassamente chegariam para analysarmos e profundarmos este grande mas ainda obscuro ponto de psychologia social. Nos flancos d'esta palavra, que já hoje é tanto, está ainda mais do que o presente; está o futuro; e conforme ella for, assim será elle tambem.

Alguns dizem que a Philanthropia é a secularisação da Caridade. Eu cuido que não. A Caridade, sentimento affirm das cousas metaphysicas e, por consequencia, das cousas religiosas, nunca será secularisada — da mesma fórma que nunca haverá uma religião secular, nem uma metaphysica nos limites do senso commum e practico. Ella, a sublime irmã da Poesia (e filhas ambas d'aquelle «primo Amore», de que fala o Dante), lá tem marcada a sua função, ou antes missão, na esphera das cousas ideaes, das cousas que estao no mundo, mas que não pertencem ao mundo.

A Philanthropia essa é do mundo: é practica e secular. A sua irmã não é a Poesia, é a Justiça. Sentimento obscuro ainda, vai mais longe, mais longe, do que as suas obras actuaes parecem indicar; e muitos que a trazem ao seio, se conhecessem tudo quanto ha de sahir d'aquelle germen ossante, talvez, atrevidos, tentassem abafá-lo. Ella é, na região ainda do sentimento, o prenuncio d'uma radical transformação nas noções da ordem social, d'uma concepção da sociedade segundo as normas da pura Razão, e tal que, deante d'ella, a desigualdade, fonte e origem da miseria como cousa normal, tem de desaparecer, tem de ser varrida violentamente para o monturo barbaro das fatalidades historicas.

Quem, pois, diz Philanthropia diz, ainda que o não queira, socialismo e equaldade: jura por uma divindade encoberta, divindade que não conhecerao nossos avós, e em cujas aras tem de arder em holocausto muitas cousas que respeitaram e até veneraram nossos paes.

Vingará esse germen extraordinario? Quem o pôde dizer! É o segredo do futuro. Mas se ainda uma vez a Historia tem de mentir ás esperanças que nella tem posto a Razão, não deixaremos porisso de ter como cousa, entre todas honrosa para o nosso tempo, esta comprehensão nova da sociedade, percebida pela intelligencia privilegiada de poucos com o nome de Socialismo, e sentida pela alma sympathica de muitos com o nome de Philanthropia.

ANTHEMO DO QUENTAL.

É sancta a instituição da crêche, como o são todas as instituições de caridade, que tanto abrilhantam as nações civilisadas, e que, muito mais que os obcecados sequezes de Proudhon, Strauss, Voltaire e outros, são filhas do espirito sublime do Christianismo.

Gloria a ti, ó Christo? gloria a ti sempre, divino Filho da Virgem Sanctissima!

PADRE LUIZ DE VASCONCELLOS CORREIA BALÃO.

## FLOR DE NEVE

*Escuta: eu sei que és fria  
Como a região polar,  
Sei que nunca preferiste  
A doce palavra amar.*

*Compreendo que p'ra ti  
Nem talvez chego a existir.  
Eu só vivo em ti pensando,  
Tu esqueces-me a sorrir!*

*Embora, deixa que viva  
D'esta fugaz illusão,  
Suave como um aroma,  
Subtil como uma visão.*

*Deixa-me aquecer a alma  
No fogo do teu olhar,  
Radiante como o sol  
E meigo como o luar.*

*Tu bem sabes que és formosa  
E que eu adoro a belleza:  
Põe a gorra, fita o espelho  
E deslumbra-nos, alteza!*

*Tens a linha — princière —  
Da patricia orgulhosa,  
E tens a doce simpleza  
D'um fresco botão de rosa.*

*Creança! bem sei que és fria  
Como a região polar,  
Mas embora, na minh'alma  
Has de ter sempre um altar!*

1885.

GUIOMAR TORREZÃO.

O primeiro direito do homem é viver.  
Este direito delimita todos os direitos do homem, de modo que todos se exercam sem prejuizo d'aquelle.

O direito da riqueza acaba onde principia a miseria.

Ninguém pôde ser rico de modo que reduza à miseria o seu semelhante, pondo em risco a vida d'este.

Para exercer completamente o direito de viver, conta o homem com a sua propria actividade; onde esta não chega vem como auxiliar livre, e sem coacção de especie alguma, a caridade; e quando assim se não completa ainda o exercicio do direito de viver, vem a sociedade com a obrigação correlativa de cortar no direito, aliás sagrado, da riqueza e propriedade, o bastante e indispensavel para lhe completar e assegurar o livre exercicio d'aquelle direito.

Para a boa ordem social, para evitar a taxa dos pobres usada em Inglaterra, e para que o abuso no côrte do direito de propriedade e riqueza não produza abalo social, devem todos concorrer a supprir pela caridade a falta justificada da actividade, na sua manifestação mais usual — a esmola.

Os que ainda não podem, e os que já não podem, devem por igual despertar toda a protecção e toda a caridade da parte dos que pelo seu trabalho ou pela sua riqueza herdada se acham numa posição relativamente feliz na sociedade.

Amparae as creancinhas, que talvez essas mesmas venham a dar-vos a mão na velhice.

A esmola dada à crèche é duplamente paga pela creança nos seus meigos sorrisos, por Deus na justa recompensa.

A creança, seu protector, e Deus são tres elos d'uma cadeia d'amor.

Beja.

JOSÉ VIRGOLINO CARNEIRO.

A crèche é uma instituição que se vai radicando no nosso paiz por ser altamente sympathica e humanitaria.

Fazer bem às creanças, a esses pequeninos entes, que dão ao lar um aspecto risonho como as flores o dão aos campos, é exercer a mais sublime das virtudes numa das suas mais bellas formas.

Antigamente as mães estavam a maior parte das vezes inhiabidas de sahir para o trabalho, porque ficavam no desamparo os filhinhos, luz dos seus olhos, alegria dos seus corações. Agora, porém, sabem tranquillias e contentes, porque os deixam entregues à crèche, que, substituindo-as, os acacia, alimenta e agasalha.

Sancta instituição, e abençoados donativos os que lhe são destinados.

Beja.

ANTONIO JOSÉ DE CARVALHO.

## PARADOZO

Um grande estilista francez da ultima florescencia de talentos mais em voga nos «boulevardiers», Huysmans, escreveu ha poucos mezes que a crèche é um alfiere de infelizes creados e fortalecidos para lutarem com a miseria — lucha em que hão de cair vencidos. Elle invectiva contra S. Vicente de Paulo e contra os amparadores das creanças geradas e nascidas na indigencia; e, com firmeza de pulso prodigiosa, allega que melhor serviço faria a esses desgraçados quem os deixasse morrer sem terem sentido na carne e no espirito a garra da penuria.

Cuidar-se-ha que Huysmans não tem um auditorio que o applauda? Tem. Sobeja-lhe uma clientela de admiradores, que lhe dão palmas, calcando nos pés a sentimentalidade que se revolta, a piedade romanesca impropria de philosophos positivistas.

Pois eu creio que Huysmans e mais os seus excentricos adeptos, se encontrassem no asphalto uma creancinha chorando, a tomariam nos braços, iriam leva-la ao aconchego de uma crèche, e dariam para alimentação d'aquelle pobrezinho, sanctificando pela innocencia, o que um editor lhes houvesse liberalizado pelos seus livros absurdos e attentorios da piedade humana.

S. Miguel de Seide. — Fevereiro de 1885.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

## DUAS PALAVRAS

É brilhante a civilisação.

*Tem manchas*: podem dizer-me, apontando os seus martyres e accentuando-lhe os desvarios. Tambem o sol as possui sem que deixe, como verdadeiro sultão do espaço, de prodigalisar seus osculos ardentes de amor pelas variadas expansões em que irrompe a natureza.

A civilisação, porém, é brilhantissima quando reveste a forma da caridade; e eu creio que se divinis, grangeando a apothese exercida pela mulher.

Grãos da mesma escala, constituem o progresso.

Se somos accordes em respeitar o sabio que enanceceu no improbo trabalho de resolver os mais levantados problemas, commove-nos com bem mais alvoroço, com enthusiasmo e sympathia incomparavelmente cordeas, a alma affectuosa e delicada que espalha com seus sorrisos a ventura e, como perfume inebriante da caridade, a esmolá; porque, quer consista no ensino que dá a intelligencia novas forças, offerecendo-lhe a vista de novos horizontes, quer nos elementos de vida material que se ministrem, quer emfim no bom conselho que fortalece o coração, a caridade é — e ha de ser em todos os tempos — uma força imprescindivel do progresso.

E, quando a civilisação, nobremente caritativa, é professada pela mulher dirigindo-se á creança, que poderei eu dizer? Nada, que tudo ficaria áquem do ideal que a imaginação dos leitores de certo attingu ha muito.

Porque fallei da creança, permitam-se-me duas palavras sobre a *crèche* que se destina a protegê-las.

Nesta instituição, mercê da quota que a todos é permitido pagar, todos podem ser ao mesmo tempo protectores e protegidos; e d'esta mutualidade de serviços eu vejo dimanar o titulo mais precioso com que a *crèche* poderia apresentar-se á nossa veneração, respeitosa e cordeal.

Friso melhor a idéa. Aparte a cooperação que a todos se generalisa pela quota, vemos dividir-se naturalmente em dois grupos o pessoal da instituição: um que á sua vida mais desafogada e a possuir copia maior de bens deve o ter-se podido instruir melhor; outro, que, sob a influencia do primeiro, o auxilia poderosamente, desenvolvendo-se a si proprio.

Nisto se me afigura a reciprocidade manifestada. A parte mais instruida do pessoal dá o seu contingente em preceitos que a sciencia recommenda; a outra parte contribue, não menos eficazmente, com o precioso cabedal da sua experiencia, larga e custosamente adquirida, e modifica assim, com utilidade manifesta muitas vezes, um ou outro ponto meramente theorico que seria impossivel effectivar. Todos se auxiliam, todos cooperam.

Sancta união a que tem por fim cultivar a flor mimosa da infancia! louvavel empenho o de transformar em forças civilisadoras quem poderia mais tarde envergonhar a civilisação!

Mas eu faria uma grave injustiça a quem me dá a honra de ler estas linhas, se julgasse necessario insistir na utilidade das *crèches*.

Bastava traduzirem o grande principio da associação, para merecerem sollicitos cuidados. Tendo por fim proteger a creança, de cujo desenvolvimento depende a felicidade das futuras gerações, estou cabalmente convencido de que esta instituição fructificará nas mais grandiosas e indiziveis utilidades practicas; bafejada principalmente, sympathicas leitoras, pela brisa vivificante do vosso enthusiasmo, sob cuja influencia a palavra *impossivel* não tem razão de ser.

GOMES PALMA.

Francisco de Assis pensou um dia em reunir todos os homens na confraternidade do amor. No principio era só elle o novo evangelista. No fim d'um mez tinha dois apóstolos. No fim d'um anno tinha cinco mil. Meia duzia de rapazes bons, generosos, desinteressados, clementes e apiedados dos que soffrem, lembraram-se tambem um dia nesta cidade de fundar uma crêche. Não trepidaram perante o difficil e o arduo da empresa. Lembraram-se talvez das montanhas que a fé transportava. Este meio social, num seculo positivo, utilitario e de pequena virtude, é indifferente, sceptico, pobre e um pouco glacial. Não lhes importou tambem isso. Nas suas almas havia bastante fogo para fundir os gelos da opinião, e nos corações dos outros descobriram palhetas do mais fino ouro. O nosso publico é geralmente bom, humano e caridoso. Por vezes lhe exornam o animo peregrinas virtudes de amor do proximo e singulares prendas de affectuosa bondade. Associe-se porisso depressa aos evangelisadores da crêche, como os franciscanos se haviam associado em tempos de mais fé ao popular sancto de Assis.

Aos franciscanos, porém, bastava-lhes a palavra para pregar e converter. O apostolado da sua ordem era puramente ebionita. No seculo que vai correndo, e no custoso empreendimento da fundação d'uma crêche, já não é assim. E tambem preciso um pouco do ouro dos templarios. A alchimia é necessaria á caridade, e a alchimia da caridade é a esmola. Os iniciadores da crêche convidam porisso o capital, para que o capital possa convidar amanhã para a sua mesa os filhos dos trabalhadores pobres. Fazem uma festa, em que officiam, junctamente com eximios cultores de bellas artes, predilectas filhas das musas. D'essa festa d'uma noite vão nascer por certo as festas de muitos dias e as alegrias de muitas almas.

É uma historia complicada, essa que tem na crêche um dos seus momentos evolutivos. Sparta, que foi o ideal da Convenção, arrancou a creança aos cuidados da familia, para a submitter á regra fixa e pautada do Estado. Os pais eram taxados de suspeitos. De confiança, de verdadeira confiança, só então se reputavam os poderes publicos, os que uniformisavam a educação, os que nivelavam as aptidões e os que produziam o espirito official, que é sempre um estado mental morbido, uma planta moral de estufa. A caridade moderna, procedente em parte da piedade medieval e em parte das novas doutrinas socialistas, tira por espaços a creança á familia, é verdade, mas

tira-ta tambem ao Estado. Livra-a talvez da asphyxia espirital, mas não a pôde resgatar sempre nem em toda a parte. Acode a seu modo, e dentro das suas forças, á miseria dos lares. O mal, porém, é tão grande, os dominios do seu imperio são tão extensos, e é tão longo o seu reinado, que esses remedios dos philantropos são insufficientes e ephemerous palliativos. Os esforços individuaes são sempre de curta duração. Exgottam-se depressa. Depois não extirpam o mal. Apenas alliviam por um pouco as dores moraes. São porisso simples remedios provisorios, meros recursos de momento, que se applaudem, que se festejam e que se agradecem.

A mim alegam-me devéras estes factos, como obra de misericordia, mas alegam-me ainda muito mais como symptoma politico. Antes do advento de uma nova organização social pelo direito e pela força, aprazer o sentimento velar pelos que soffrem, enquanto á caridade se não substitue a lei. Este sentimento, que é symptomatico d'uma transformação e precursor d'um estado novo e melhor, luz como uma aurora, que separa a noite do passado do dia que vai surgir, e mostra já vagamente nos horizontes uns traços, ainda mal desenhados mas comprehensiveis, da constituição das futuras sociedades. Quasi sempre são os sentimentos propheticos das ideias novas. A religião, toda sentimento, precedeu a philosophia, toda reflexão, e este sentimento, a que se pôde chamar da solidariedade humana, que se desata em obras de philanthropia, e que é já tão forte na laboriosa raça americana que muitos dos seus homens mais opulentos destinam fortunas colossaes á philanthropia, reservando para os filhos sómente o necessario, affirmam-se tambem no nosso paiz por factos, que se succedem com frequencia, e de que a tentativa bejense é exemplo de capitalissimos merecimentos. Assim nos vamos encaminhando para um estado de cousas, em que ha de governar esse direito novo das sociedades solidarias, que era ainda hontem um sonho, que é hoje um problema e talvez uma tempestade ameaçadora, e que amanhã, depois de desannuviados os horizontes sociaes, deve vir a allumiar os dias do futuro, quando tiver passado esta angustiosa epocha de transição, que na historia das sociedades ha de ser sempre assignalada como uma das mais laboriosas gestações politicas.

É assim pelo coração que, antes do estabelecimento da justiça, por ora ideal, se resolvem ás vezes os problemas sociaes e economicos, que agitam o mundo e ensan-

guentam muitas folhas da historia. A caridade fornece as suas soluções incruentas, pacíficas e consoladoras. Sómente precisa, para não ser fraudada, de saber escolher e de poder distinguir as verdadeiras das falsas chagas. Quando não faz isso, não é um bem; é antes um mal. A esmola do acaso, a que sustenta vícios, a que multiplica a mendicidade, a que alimenta preguiças e a que desenvolve hypocrisias, é um perigo, porque não escolhe. A crèche, podendo e devendo escolher, não pôde deixar de ser um bem. Além d'isso ha a certeza de que ella aproveita aos que trabalham. D'ora avante, neste grande centro de trabalho agricola, as mães poderão ir descansadas e tranquilas moirer para os campos. Não as pungerà mais o terrivel dilemma da

fome ou do abandono. As aves implumes já lhes não ficam sósinhas no ninho frio e nù. A noite, no regresso do trabalho, hão de encontrar os filhos alegres e fartos, porque tiveram a velar por elles um dia todo a caridade com os olhos vigilantes d'um Argos piedoso e sancto. A caridade, que dá assim a mão ao trabalho, faz por certo uma excellente obra, tão festejada pelo coração fremente e apaixonado, como applaudida pela razão austera e fria; e o quadro onde o pincel colorisse essas duas figuras, ou o marmore d'onde o escopro desentranhasse aquella allegoria, seriam dignos de ornamentar o novo templo, que ao trabalho honesto vai consagrar a philanthropia bejense.

Beja.

ANSELMO DE ANDRADE.

## O FILHO

A vida d'elle era uma gargalhada,  
a vida d'ella um pranto. Ella chorava  
sobre o rude trabalho que a matava,  
elle ria na tasca enfumaçada.

Jámais nos labios d'ella a aza doirada  
de um sorriso passou; — jámais na cava  
e horrenda face d'elle resvalara  
sequer de um pranto a perola nevada.

Mas Deus que deu á entranha de Maria  
o redemptor dos homens, Deus lhes fez  
uma esmola; — Deus fel-os paes um dia.

E ambos beijando ao filho os niveos pés,  
pela primeira vez ella sorria,  
e elle chorou — pela primeira vez.

Lisboa.

LUIZ GUIMARÃES.

## AS GREANÇAS

É vel-as coitadinhas! Erguem-se ao despontar da aurora e lidam o dia inteiro; uma flor é o seu encanto, um pequeno jardim o seu imperio, o velho gato o seu vassallo, e, quando no longe o sol se apaga no mar e o dia esmorece pouco a pouco, cerra-lhes as palpebras um somno de innocente, em quanto as mães, os seus anjos da guarda, lhes velam a cabeceira, passando-lhes os dedos pelos cabellos de ouro.

Deixae que venham a mim, disse o pallido Nazareno, que mais tarde pendeu da cruz do Golgotha na hora solemne da redempção. Abençoados os que agasalham, dirão as pobres mães no seu trabalho afanoso de cada dia.

É que as mães, como o Christo, só sabem abrir o sacrario do coração ao amor que redime, devorando quem o sente.

Aveiro, 16 de março de 1885.

CESAR DE SÁ.

## IGNOTA DEA

Sonho que a aurora dissipou em fumo,  
fumo que o dia condensou em treva,  
treva que adoro, fumo que me enleva,  
tu és o ser em que o meu ser resumo!

Embora esquiva, impiedosa e seva,  
firme a evocar-te o meu olhar consumo,  
buscando crente um luminoso rumo  
na escura noite que a minha alma entreva.

E em balde a vista allucinado espraio,  
e audacioso os vãos d'alma ensaio  
da terra vasta á vastidão dos ceus...

Baldados são os meus anccios tristes!  
Jámais te encontro... Mas que importa? — Existes!  
Goso-te em sonhos... Quem jámais viu Deus?!

Coimbra.

A. RODRIGUES BRAGA.

Para que uma cidade conquiste os fóros de civilisada não basta que o bom gosto presida á abertura das avenidas, e que o amor do bello se allie á architectura dos monumentos.

Não basta que a instrução seja apanagio dos seus habitantes e que a imprensa elevada e justa preste culto á sciencia. É necessario mais. É necessario que a par do desenvolvimento da agricultura e da industria se arraigue o habito das virtudes practicas e progrida a practica d'uma virtude de subido valor, que se intitula — caridade.

O agricultor, no proprio campo onde emprega o capital e a charrua, deve cuidar d'esse arbusto mimoso, cuja folhagem é a filigrana que adorna as almas generosas.

O pollen de suas flores fecunda o fructo, que alimenta o pobre e mais enriquece o abastado. A felicidade, o bem estar dos filhos, reflecte-se no coraço dos paes.

A caridade, sorrindo na crèche nos coraçoes juvenis, dá ao operario o que o movimento transmite á fabrica — vida.

E o operario na fabrica é a corda no chronometro, o ponto de apoio na alavanca.

Estiolam pequeninos seres em antros sem luz e conforto, porque as mães, se forem moirejar, roubam-lhes o concheço. E as mães, estatuas vivas da alhegação, preferem os horrores da provação a roubarem aos filhos o alimento, embora ficticio.

O botão que pende da roseira contaminada não desabrocha, porque ao pociolo de suas petalas já

não chega a seiva vivificante, e não lhe bastam as caricias do sol e os afagos da brisa. Mortas as plantas, que vale o jardim?

Abra-se crèches. Cuidemos das mãos amparando-lhes os filhos, lapidando os diamantes de suas almas. Tão grande beneficio constitue a felicidade do agricultor, do industrial e, o que é mais, d'aquelles para quem a vida alvorece sem hymnos e sem flores.

Não basta que o homem no seu caminhar incessante abra aqui a escola e além a officina. É necessario que ao lado da escola funde a crèche e ao pé da officina consagre á infancia desvalida um templo de amor.

E, enquanto a civilisado não percorrer as vastas planicies que se lhe deparam e não trepar as encostas escabrosas de altissimas montanhas onde tem que levar as suas illuminações, proclamando a idéa santa da associação, deixemos que os visionarios architectem soluções para este rumo do importante problema social do pauperismo.

Empenhem-nos com a boa vontade de patrioticos amigos na realisação do pensamento que nos reunii.

Tributemos um testemunho de respeito á nossa terra a cujo sol tão bem se aclima a caridade, a formosa cosmopolita.

Dotemola com uma crèche. Temos a nosso lado uma prestimosa pleiade de damas talentosas, a empresa ha de florescer.

Beja.

JOÃO DE SOUSA TAVARES.



A caridade, a arvore secular que abriga debaixo da sua frondosa ramagem milhares de desalçados da fortuna, floresce em todos os paizes do mundo.

As suas raizes vão em todas as direcções da terra, por entre as lisidas da dura rocha do indifferenismo, procurar no terreno fértil dos corações humanitarios, a seiva que lhe avigora o tronco. A ocioso consumidora do tempo, longo de lhe secar as folhuras, vai sempre alargando-lhe a sombra que projecta no deserto aridissimo da miseria. Os gritos dilacerantes da fome fazem brotar das almas sensiveis lagrimas que caem em chuva d'ouro sobre a sua follagem, refrescando-lhes as raizes e enchendo de succo o seu sabroso fructo.—A crêche de Beja, esse novo Pelicano, é tambem debaixo d'um dos seus mais opulentos ramos que está fazendo o seu ninho. Ao primeiro clamor que soltou, caliram de todos os lados, saucudidas pela philanthropica rajada dos sentimentos bons, as flores impregnadas do aroma reanimador das escolas. Ella recolhe-as, e constroe pouco a pouco o tecto que ha de abrigar os seus filhos da aspera intemperie das necessidades; e hevyo que ha de embalar o sonno tranquilo dos desgraçados.—Descubramo-nos, pois, perante Beja, terra onde a caridade é um culto a que todos prestam respeitosa homenagem.

Curvemo-nos, principalmente, perante as sephoras bejenses, que possuem, sobretudo, a formosura d'alma, a maior das formosuras, e que tanto têm contribuido para a construção do ninho consolador. Curvemo-nos, porque vão, ainda mais uma vez, abafar suavemente, com sons harmoniosos, tirados com exuberante talento dos seus instrumentos musicaes, milhares de brados sauidos de corações afflictos.

E o bando implume das creanças, sentindo o conforto da vida, lhes tecerá no seu meigo chilrear canticos de louvor que subirão até Deus.

Beja.

EDUARDO GARRIDO.

Eis aqui um assumpto que me commove — pedir para as creancinhas pobres, os tristes engeitados da fortuna, pedir para as Crêches! Haverá cousa mais sublime, ideia mais commovedora e mais sancta?

Proteger a creança é collaborar no futuro; merecer as benções das Mães é merecer as benções de Deus.

A Mãe chorando a fome do seu pobre filho ainda creança — que horror! A noite da miseria é peor que a noite dos cemiterios. Ha um fervilhar de larvas nesse tumulo — a indigencia.

Larvas que depois se convertem em vicios, vicios que se transformam em crimes, crimes que são depois maldições. A ignominia do carcere nasce quasi sempre da ignominia do berço. A Natureza é uma grande mestra: já a viram produzir alguma alvorada sem canticos?

Pois a creança é uma alvorada: façam cantar as creanças. Mas a alvorada é feita de luz. — Vamos, luz para aquellas pequeninas creanças. Combustivel na familia d'essa locomotiva que tem de nos levar ao futuro. Depois de lhes formar o cerebro, ponhamo-lhe um pensamento. A machina parada vai-se arruinando com a ferrugem.

Luz, muita luz sobre o berço das creanças; illuminemo-lhes os sorrisos. Uma creança triste é como um cão sem estrellas, ou como um lago sem cysnes. A flor sem o orvalho morre.

A instrução é o orvalho vivificante da mais exquisita das flores — a alma. Da creança que está no berço, tanto pôde sair o sabio que illustra

como o handido que assassina. Repare-se que é de um carvão que se faz um diamante...

Abram-se escholhas nas Crêches. Preparar a creança para ser qualquer cousa não se me affigura uma grande virtude. Mas prepara-a para ser homem honrado é uma virtude incomparavel.

A alma tambem tem fome. E se a deixam faminta, pôde ser peor que uma lyena. Quer dizer — Crêche sem escola é praia sem farol — um perigo. Nem mais nem menos. Abram-se, pois, as escholhas. Abrir a escola é fechar a enxada. O mestre evita o juiz.

Coimbra.

TRINDADE COELHO.



Alguem te disse, Maria,  
que eu soffria, e tu quizeste  
no teu sorriso celeste  
dar-me de novo a alegria.

Quasi que bendigo a dôr  
que me aperta o coração,  
visto que ella inspira, flor,  
tão doce consolação!

Como aza leve e franzina  
poisa de leve, poison  
a tua mão pequenina  
na minha mão, que a apertou.

E então vi surgir o amor  
no fundo dos olhos teus,  
como out'ora o Pescador  
viu no mar a luz de Deus.

É coisa que faz scismar,  
— como a tua mão, creança,  
ainda poude segurar  
minha alma á beira da esperança!

Mas o bom Jesus sustem  
(como tu meu coração)  
o mundo inteiro na mão  
... e é creança tambem!...

Coimbra.

MANUEL DA SILVA GATO.

## FESTA DE CREANÇAS

A mais engraçada festa de creanças de que me lembro foi em Inglaterra na casa de campo dos meus amigos Birks no vale de Cornwall. Era uma mascarada reproduzido em miniatura a Corte de El-Rei Arthur e dos cavalleiros da Tavola-Redonda. E o que tornava interessante a resurreição d'esse mundo heroico e gentil, popularisado por Tennyson, é que nós estávamos alli justamente na região de Cornwall, onde viviam, entre sarau e batallas, Arthur, a sua rainha Ginevra e os doze valentes da Tavola. A pouca distancia do parque dos Birks, numa collina coberta de carvalheiras, a tradição collocou os paços d'Arthur e a maravilhosa e sombria cidade de Caerleon. O rio em que pescavam trutas era o velho Usk. Nas suas frescas margens erguera-se outr'ora o mosteiro, onde o irmão de Percival uma noite, da janella da sua cella, viu passar numa nuvem cor de rosa, entre aromas de junquinhos, o vaso de San Grand cheio do sangue de Nosso Senhor Jesus Christo. E, das varandas da sala de jantar, podiam avistar em dias claros, lá ao longe na costa, e entre as rochas, as ruínas d'esse castello de Tentigal, que apparece em todas as balladas do Rei Arthur, negro e trizado juncto ao mar de Gwynedd.

A Corte começou a reunir-se cedo, á hora do almoço, no grande salão branco, sobre o jardim. Era o filho dos Birks quem esplendidamente recebia, vestido de Rei Arthur. O primeiro personagem da lenda que chegou, acompanhado pela sua governante, foi o feiticeiro Merlin, um adorno bello, gordo e embebedado, com a coroa d'ouro e uns cabellos loiros e umas enormes barbas propheticas enchendo-lhe a bochecha cor de rosa. Depois seguidos das mamãs, vieram entrando todos os outros figurões da romantica chronica: cavalleiros de cinco annos armados e emplumados, mongesinhos nedeos do convento de Clerical, bispos quizes de mamã com os seus baculos nos braços, barões rubicundos, mestresas vestidas de seda e fadas mais felizes que as fadas. As tres rainhas mysticas do Valah chegaram por ultimo, graven-sinhas, todas tres pela mão, cobertas de veos negros, escoltadas por um grande laçao emposito.

Pouco a pouco o salão ficou tão animado como a velha Caerleon numa manhã de torneio. O pequeno Bird, de Rei Arthur, com o seu manto bordado d'ouro, os cabellos frisados sabindo em anneis de sob a corça carregada de pedras, passava, majestoso, entre os seus irmãos d'armas. Uma senhora encantada quiz-lhe dar um beijo. Elle repelliu-a asperamente, como teria feito o casto Rei Arthur. Mais orgulhoso do que elle, só o bravo Lanciolo do Lago, a quem tinham pintado um burço, e que vestido d'armas negras, com uma longa pluma escarlate ondeando-lhe desde o elmo até ás espores d'ouro, não tirava a mão da espada. E o que parecia escurielho e mais era a sua fachada de gaze branca, passada sobre a couraça, e feita, em rigida obediencia á Epopéa, d'um véo da rainha Ginevra. E essa era a grande belleza do sarau, a rainha Ginevra, uma irlandezinha com as duas tranças negras e os olhos verdes como os prados d'Erin. Seria e fria, involta na pesada capa de setim azul, conservava-se no meio d'um sophá, imóvel com um sorriso, que lhe punha uma covinha no queixo, indifferente aos madrigaes, insensível ás proezas dos cavalleiros, e sempre foltos baixos ou por ella os barões e as fadas, ou por ella se batam os vassallos juncto ao mar de Cornwall.

Um escudeiro annunciou o lunch, tocando uma bacia de prata, tal qual como no Perlecion. E pelo corredor aos pares toda a Corte seguiu á sala de jantar o Rei Arthur, que levava pela mão, com uma graça solemne, a linda rainha Ginevra. Depois, mas não sem alguma confusão, em que necessariamente as mamãs tiveram de ser energicas com os cavalleiros, ficou completa a Tavola Redonda ornada de baixelas e flores. E nada faltava do que mandam as poeticas chronicas. Ao fundo da mesa, na sua cadeira esculpida pelos Genios, lá se achava o velho feiticeiro Merlin, a

quem a governante, para elle comer com limpeza a sua sopa, tirara as barbas propheticas. Não havia um javali assado sobre um prato d'ouro. Apenas um honesto roastbeef. Mas o Rei Arthur levantava o seu copo d'agua misturada d'uma gota de Bordeaux, com a nobreza com que o outro, de tantos centos d'annos e n'aquella mesma collina, erguia a taça de hydromel em dias de victoria. De resto a sala, com o seu tecto de carvalho lavrado, tinha o severo apparato d'outras eras e através da janella lá estavam, como nos versos da MORTE D'ARTHUR, as ruínas do Castello de Tentigal, negro e triste juncto ao mar de Cornwall.

A Corte mostrava tanto appetite como á volta d'uma batida aos lobos nos bosques, que avizinhava o Usk. Até as fadas devoravam. Sir Galand, esse que possuia a força de mil, porque o seu coração era virgem, já por duas vezes reclamara pudding de batata, balendo fortemente com o garfo sobre o seu murrião de prata, posto ao lado da mesa entre os crysters. Fui preciso, por causa da sua magnifica túnica de setim verde, notar um guardanapo ao pescapo do cavalleiro Boer, essa radiante flor de bravura christiã. No meio de tanta a alegria e forte Percival, incomodado com a sua armadura, permanencia mono e corado, com o ar de estar pensando (como o outro) em se recolher ao Mosteiro de Vik. Depois, de repente e inexplicavelmente, roubou abaixo da cadeira, entornando todo o molho nos joelhos do intrigante Malverne, o mais villosito cavalleiro da Tavola.

Malverne despropositou e arrepellou os cabellos d'ouro de Percival. A tia do heroe accidiu assustada, e entao como o famoso Lanciolo do Lago se estava tornando turbulento, foi arrancado da Tavola Redonda ignominiosamente nos braços d'um escudeiro nos berros.

Depois do lunch, a corte de El-Rei Arthur voltou ao sarau a regosiar-se com danças. Sarau delicioso! Havia dois monges extraordinarios de barbas brancas, tão pequeninos e tão tropiegos, que as senhoras tinham de os segurar pelos braços nas quadrilhas e que queriam constantemente dançar, mais joviaes que os cavalleiros, promptos a atirarse sempre aos bracinhas das camponesas tocadas de flores.

O puro Sir Galand, já sem broquel e sem murrião, galopava doadamente com uma ligeira fada, chegada n'essa manhã da Bretanha, das florestas de Braselante. Um barão com a corça de folhas de carvalho enterrada até aos olhos chorava por ter perdido a sua harpa. Havia tambem um principe do Mar do Norte, um castello do Erin e o bravo cavalleiro Boer, que se tinham refugiado a um canto, por detraz d'um sophá, onde, sentados no chão, continuavam na sua divertida menrenda com bolos dando gritos, quando as senhoras queriam pôr sobre aquella guia tão impropria de palatinos christãos. No corredor, o pequeno Bird com o seu rico baculo. Os seus doces olhinhos azues fechavam-se de somno. Deitei-o no sophá, juncto de mais pequenina das rainhas do Valah, que já ali dormia sob o véo negro e casto. Os olhos d'ouro soltos e o lirio do Paraíso entre as mioisinhas cruzadas...

E o santo Bispo candidamente adormeceu ao lado da mystica Rainha.

## SONETO

Eu já sinto o aroma delectoso  
que doce brisa nos conduz do prado;  
do meigo rouxinol enamorado  
eu escuto o cantar harmonioso!

Já sorri graciosa a natureza,  
já da rosa o perfume alegre aspiro...  
Parece a doce aragem um suspiro...  
O campo, o mar, o ceu só tem belleza!

Em logar da corrente temerosa  
na campina suave e tão mimosa  
o regato deslisa brandamente.

É chegada a 'stação das lindas flores...  
Primavera gentil — Oh! mãe d'amores —  
eu te saúdo alegre e sorridente.

Março de 1885.

DEMETRIO DUARTE DE CAMPOS.

Vai-se accentuando nos nossos dias um facto immensamente consolador para as almas que não sacrificam ao idolo do egoismo, mas que se deixam penetrar dos sentimentos de amor e condolencia para com os seus semelhantes.

E esta solicitude crescente em arranjar meios para remediar todas as misérias humanas.

Ha muito que o nosso seculo é proclamado o seculo do progresso, mas, para o ser verdadeiramente, é mister que o progresso moral acompanhe os incontestaveis melhoramentos materiaes, devidos ao fulgor das suas luzes scientificas e ao ardor incessante da sua actividade infatigavel.

É doloroso que a par da sumptuosa habitação do rico, adornada com todos os primores da industria moderna e enriquecida com todas as commodidades, a que pode aspirar a mais requintada molleza, existam desgraçados, que não podem satisfazer as mais impreteriveis necessidades da vida. É uma ironia pungente, lançada á face da civilisação, que em quanto o opulento, por magnificas estradas, passeia a sua ociosidade, negligentemente recostado nos fôfos coxins da sua carruagem, surjam á beira do caminho, como espectros, que elle repelle, creanças pallidas e semimias e velhos andrajosos e doentes, esmolando com voz dolente o pão por que azeiam. O

trabalho é a alavanca apregoadá pelos illuminados do seculo para erguer o nivel social á altura exigida pelas necessidades humanas; mas este grande elemento de prosperidade só por si é impotente para o aperfeiçoamento da sociedade, porque ha muitos desventurados, a quem só podem valer os sentimentos altruistas dos outros. Só a caridade pôde amparar aquellos, a quem o trabalho é defeso por fraqueza, invalidez ou doença; consolar as dores lancinantes d'uma desgraça recondita; socorrer os que são feridos por uma desdita inopinada; levar allivio aos afflictos e servir de refugio, onde possa levantar-se a toda a altura da dignidade humana, a quem se desviam da recta senda da vida e se acha atascado, indifferente e contumaz, no todo do vicio.

A arvore da caridade, plantada por Jesus Christo e regada com seu sangue, tem crescido frondosa, e á sua sombra se tem estabelecido fundações maravilhosas para todos os soffrimentos humanos, cimentadas em rasgos admiraveis de dedicação e sacrificio. Hospitales, enfermarias para leprosos e asylos para a infancia desvalida, moços invalidos e velhos decrepitos; instituições para arrancar da libertinagem mulheres perdidas, para resgate de captivos, para tractamento de doentes e para socorrer infelizes viajantes: tudo tem

feito apparecer como por encanto a vara magica dos benemeritos da humanidade, animados pela mais sublime virtude do Christianismo. Até no cume dos montes e nas profundezas da terra, no cimo dos Alpes e nas minas do Perú e do Mexico, a caridade com desprezo da vida dos homens generosos, que a exercem, soccorre os infelizes que ficam sepultados debaixo da neve, ou que são prostrados pela doença num leito de dor.

É preciso que esta arvore bemditada vice cada vez mais, lance novos rebentos á medida que as dores humanas crescerem e se multiplicarem, para que a harmonia, que reina em todo o universo, não seja uma palavra vã no seio da humanidade. O homem não pôde fazer-se centro da sociedade e arvorar no seu eu um altar, onde imole tudo e todos aos seus interesses individuaes. A unidade é lei suprema da criação, e todos os homens devem trabalhar, auxiliando-se reciprocamente, para a consecução do grande fim social, que é o centro da humanidade. Os astros que fazem o cortejo do sol com subordinação imperturbavel gravitam em torno d'elle, que é o seu centro. Se os planetas se quizessem tornar independentes fazendo-se centros de si mesmos, caminhando em gyro ordenado na amplidão do espaço, chocar-se-iam, e a desordem cosmica seria o resultado de suas loucas pretensões; do mesmo modo quando os homens, eivados das doutrinas exclusivas do interesse, em vez de gyrarem em volta do seu fim commum, se fazem centros de si mesmos, sacrificando aos vis calculos do egoismo o bem de todos, apparece a anarchia social com uma longa e desastrosa serie de miserias e horrores. Que o fim a que este jornal visa se realize — deseja-o ardentemente

Beja. J. A. SOUSA MACEDO.

Dantes pedia-se para fundar conventos; hoje para instituir crèches.

Naquelles monopolizava-se o saber; nestas diffunde-se.

Naquelles prestava-se culto ao Christo divino; nestas imita-se o Christo philosopho.

Por isso antigamente chamavam ao dar: *Caridade*, a esmola humilhava quem a recebia; hoje chama-se-lhe *restituição*, e a restituição reabilita quem a faz.

MIMOSO RODRIGUES.

## SONHO CELESTIAL

### I

*Jesus, num sonho dourado,  
Pensou no bem das creanças:  
As pombas sem esperanças  
Quiz dar um ninho sagrado...*

*E aos anjos disse, risonho:  
— Em favor d'implume bando...  
Baixae á terra, cantando,  
Fazei valer o meu sonho!*

*— Ide, procuraes um seio  
Affavel, bom, carinhoso  
E o meu segredo mimoso  
Dizei-lhe, em doce gorgeio!...*

### II

*Os anjos á terra descem  
Buscam de ricos e pobres  
Os seios puros e nobres  
Onde virtudes florescem.*

*De subito repararam  
Num palacio. Abre-se a porta;  
Cheios da fé, que conforta,  
Os anjos todos entraram.*

*Em catre d'outro, exquisito,  
Um anjo dorme, sorrindo:  
Como se estivesse ouvindo  
Canto celeste, bemdito!*

*Era uma linda rainha!  
Nos seus labios de candura  
Mostrava, alegre, a doçura  
Que tem a meiga andorinha.*

*Os anjos chegam tementes,  
E dão-lhe na face um beijo;  
Cumpriram o seu desejo,  
Depois fugiram contentes.*

*Aquelle beijo tão fino  
Deu-lhe ao seio palpitante  
O segredo deslumbante  
De Jesus — lirio divino.*

### III

*Horas depois despontavam  
Da madrugada os alvares;  
Nasciam na terra as flores  
Que as frescas auras beijavam!*

*E em quanto Jesus sorria  
Cheio d'amor e bondade,  
O Anjo da Caridade  
Uma crêche construiu!...*

Cuba, março — 1885.

MATTHEUS PERES.



Esta carta chega tarde ás suas mãos, minha senhora. E não ria V. Ex.ª; mas só hoje pude arranjar dinheiro para a franquia de que ella necessita. Ah, minha amiga! Estou pobre como o ultimo dos mendigos. Ha quatro semanas que Lisboa me salta no caminho sob todas as formas de extorsão amavel e laparice risonha — caixa de musica na loja do meu barbeiro — migalheiro de folha na antecâmara do meu alfaiate — maleta aberta no interior do americano que me transporta — jornal (numero unico) por esses theatros, salas de concerto e parques de recreio — adoravel vendeira de sortes por sob as campainhas de ouro d'um pavilhão chinês — album em branco á procura d'um sonhetilho allusivo — roubo de relógio (que sei eu) no «toim-bolme» d'uma kermesse — e até, por meus peccados, sacco de linhagem ás costas do gallego que me faz os recados. — «Esmola! Para as victimas dos terremotos, em Andaluzia. Esmola! Esmola!» eis o grito que toda Lisboa exhalava e repercutia, numa especie de furor sublime que nos faz esquecer das proprias catastrophes, tão grandioso empenho ufana a cruzada de pedintes (eti-queta rigorosa: os homens de casaca e claque, as senhores em setim branco e diamantes) esparsos por todos os pontos estrategicos da capital á conquista do obulo redemptor.

V. Ex.ª, que vive em Hespanha, talvez ouvisse fallar por lá nos terremotos d'Andaluzia.

Diz que meia duzia de povoações em ruínas, e alguns milhares de pobres diabos sem guardia nem sustento. Em Madrid á alta vida aproveitou o incidente para tres ou quatro grandes bailes de subscripção. O rei dignou-se mesmo concorrer em bellinda viagem ao «local do sinistro», como se diz em dialecto burocratico — um pouco por politica, pois são corriqueiras, na vida dos principes, estas viagens de exploração á singularidade do ptores — um pouco por arte, visto o Afonso aguarrellar com a graça crua d'uma preceptora ingleza. Vamos porém aos jornaes de Madrid inferir, pelas narrativas que elles nos fazem dos abalos, a pavorosa enormidade dos desastres que tanto nos commoveram a nós. Eu leio a «Epoca», leio o «Imparcial», leio a «Gaceta». Apenas nos «sueltos», d'onde soude, um correspondente falla de mais quatro casas submersas e um cura fugindo pela chaminé, cousas rabiscadas no estylo pobre de metaphoras, que atraicão logo o hespanhol enfadado e indifferente. As subscripções mesmo pouco fervorosas alli.

Resumindo: sob o ponto de vista das perdas materiaes, nem tudo estava perdido, parecendo até ser cousa facil restaurar as povoações em ruina, e doar ás victimas, com pequeno esforço e sem recursos de «aridez extrangeira, cabedal que lhes permittisse retomarem na vida o seu posto instantaneamente compromettido.

Pois, minha excellente amiga, em Portugal os terremotos abalaram pelos alicerces os generosos impulsos de toda a gente. A caridade fez-se uma neurose, e arremessou com tudo para os basares e para as kermesses: conservou-nos a vida; porém foi-nos extinguindo galantemente a bolsa. Sabe? reprovo-a. O que ella paralyza de esforços e de credito; o que ella traduz de vaidade luxuosa e pedanteria egoista é horrivel. Este sentimento tão castamente interior, tão inimigo do ruido e da pompa, tão singelo e tão fino; este sentimento que levou os dedos de Jesus até ás rugosidades purulentas do leproso, e os pés descalços de S. Francisco Xavier até ás miseraveis palmeiras do Indostão, affigura-se-me uma scenographia reles, quando vem para a rua vender sortes, por intermedio d'algumas meninas casadoiras e meia duzia de «blas-jetus» decotadas até ao umbigo.

Deixa de ser um naturalissimo impulso da alma sincera, para ficar ahi esbeicado em mais uma formula de luxo e um artigo d'espetaculo, sem a menor scintilla de ideal e sem a menor nervura de grandeza ou majestade. Toquem a walsa da Angot a mais este agente de dissolução que as mulheres inventaram, no intento insidiosos de affixarem «estoliteza» de duzentas libras em festas que mal podem render duzentos tostões!

Já V. Ex.ª me tem ouvido fallar de Montrond, «C'était un cynique charmant, un viveur exquis», diz o meu amigo Quatrelles «ou quel on a attribué bien des mots qu'il n'a jamais dits». Uma noite Montrond fazia o wist na embaixada ingleza com lord Granville, J. de Rothschild, e o conde de Lamarre. Essa noite, Montrond estava á fiz d'uma maneira escandalosa. A condessa de Montrouil, presidente d'uma associação de caridade approximou-se d'elle com o sacco de veludo aberto, que por signal era azul bordado com os escudos dos Montrouil, originarios das Cruzadas.

— Montrond, diz a galante mudana com um sorriso d'esmalte incomparavel, é preciso que o meu amigo purifique o seu ganho d'esta noite.

— A ver como, senhora condessa.

— «Repardtindo-o com os desgraçados. Peço para as «Arrepentidas.»

— «Arrepentidas,» diz, «vossencia», condessa! Mas não vejo porque deitar nesta soberba bolsa de veludo a minha esmola. Se as clientes de «vossencia» estão arrependidas, a missão da condessa findou, e eu não tenho que dar-lhes. Se o não estivesse — e aqui Montrond descobriu uns dentes carniceros de lobo — eu mesmo lhes vou levar d'ante a pouco estes luzes ao restaurant onde ellas estiverem ceando.

FILHÃO D'ALMEIDA

A especie humana tende a extinguir-se. Um biologista distincto afirma audaciosamente o contrario, pretendendo demonstrar a futura perpetuidade do individuo, e consequentemente do homem.

Para elle a vida é uma serie de permutações moleculares, dando logar a numerosas composições e decomposições, cujo equilibrio é mantido por uma reparação constante.

Procurando no ultimo elemento anatomico, a cellula, o segredo de formação, de reprodução e reparação, conhecido o seu meio, remontando depois aos tecidos e aos órgãos, prevendo os gastos e substituindo as perdas por novas energias de modo a estabelecer o equilibrio constante tanto do órgão como do seu funcionalismo, o segredo da vida seria descoberto.

O decantado elixir de longa vida passaria de uma ficção á mais formosa das realidades.

O homem conquistaria assim a sua perpetuidade, descobrindo como se conserva indefinidamente a cellula organica, o elemento anatomico figurado.

Ineluctáveis factos incontestaveis desmentem esta theoria tão seductora.

A raça humana acanha-se no vigor e na estatura. Actualmente não supportariamos as armaduras medievas. Os gladiadores romanos envergonhar-se-iam dos seus descendentes.

A estatura decresce na Europa por uma fôrma assustadora. A escala de admissão para o recenseamento militar tem baixado constantemente. Apenas na Suecia e Dinamarca a estatura se conserva estacionaria.

O decrescimento na França tem alarmado todos os anthropologistas.

A causa da atrophia humana resulta, entre outras causas, da predominancia da vida intellectual sobre a vida physica.

O desequilibrio é accentuadissimo.

Por toda a parte triumph a machina substituindo o musculo, que se depaupera e esterilisa pela immobildidade.

Na industria, na agricultura, em todas as manifestações da actividade humana, o trabalho muscular tem sido substituido.

Porém, se o braço descança, o cerebro trabalha activamente, o craneo alarga-se, todo o systema nervoso toma no organismo um papel absorbente, invasor. O bronco campon de hoje, sacndilo, por uma hypothese absurda, a uma civilisação transacta, seria um sabio entre os mais distinctos.

Já não ha cabeça que possa armazenar toda a herança intellectual dos nossos dias.

Para receber essa herança será preciso uma geração inteira.

Os Platões e os Aristoteles, que abarcavam toda a sciencia da sua epocha, são hoje inconcebíveis; porém, se os conhecimentos humanos são hoje vastissimos, tambem a sua conquista é morosa e laboriosa.

A educação intellectual toma hoje um terço da vida. Entra-se no conflicto da existencia já caçado, mal calculando a terrivel batalha da concorrência.

Os fortes, os vigorosos poderão resistir aos encargos sociaes, cada dia mais imperiosos e complexos.

Os desastrados, os fracos, os ociosos serão cuspidos ou esmagados pela onda dos que trabalham e que se atropellam furiosamente para chegarem á fortuna.

No problema da vida o cerebro tem hoje um trabalho gigantesco para prever todas as hypotheses, calcular todas as soluções, afastar todas as resistencias.

Do excesso do trabalho resultará o excesso de fadiga, a febre, a insomnia, varios estados morbidos, alguns trazidos de novo aos quadros nosologicos da pathologia nervosa.

Por outro, a phthisica, a tuberculose, a escrofula, o limphatismo, a clorose, o alcoolismo no occidente, o opio no oriente alastram-se como grandes manchas corvias que decompoem a pobre humanidade.

A despeito de todas as conquistas da civilisação o problema economico agrava-se successivamente, o que se vê pelo symptoma *grève*.

As leis malthusias, não obstante combatidas, ainda não foram derrocadas.

A população cresce mais que a riqueza; portanto é preciso que o homem cada vez trabalhe mais, quando cada vez está mais fraco.

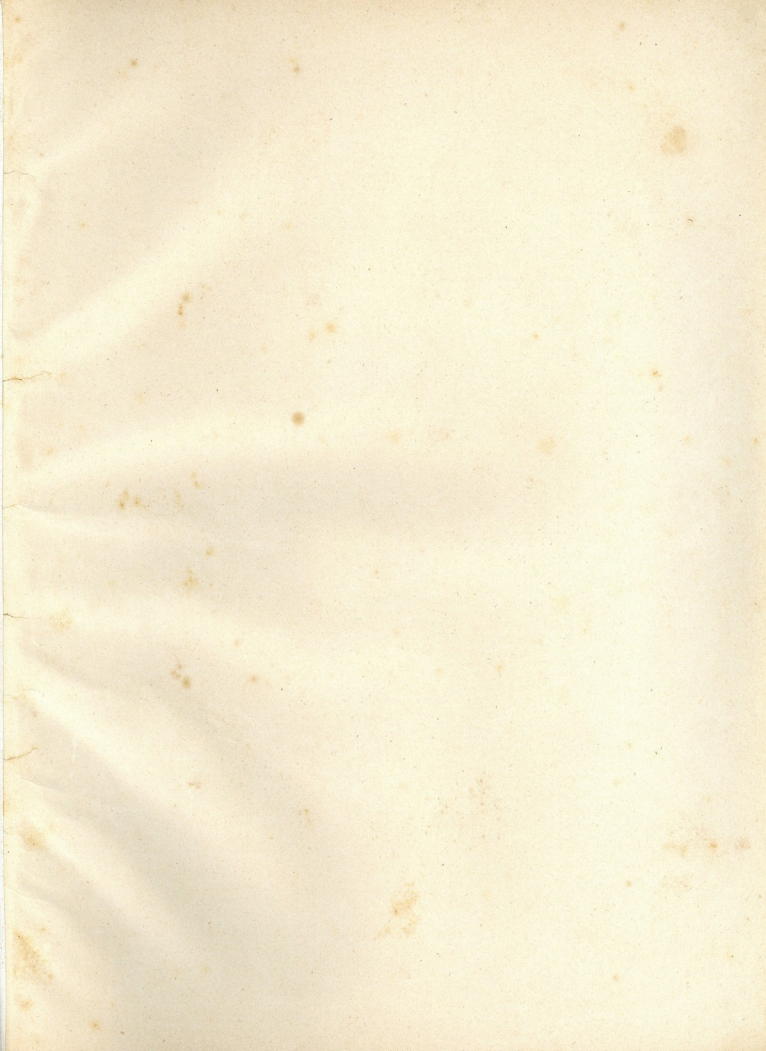
Pelo lado moral tambem o homem de hoje não se pôde dizer mais forte que o de hontem, pelo contrario.

Basta ver o progresso da loucura e do suicidio, uma das fôrmas particulares, para ver um dos grandes desequilibrios da sociedade contemporanea.

A queda do homem será por isso fatal, não como uma condemnação do eterno, mas por uma atrophia progressiva, por uma decadencia organica que o levará á impotencia.

Dentro de seculos, em periodos mais ou menos vastos, dos quadros da zoologia desapparecerá esse animal pretencioso e extravagante, que apenas tem de interessante e de commovente as lagrimas.

ABEL DA SILVA.

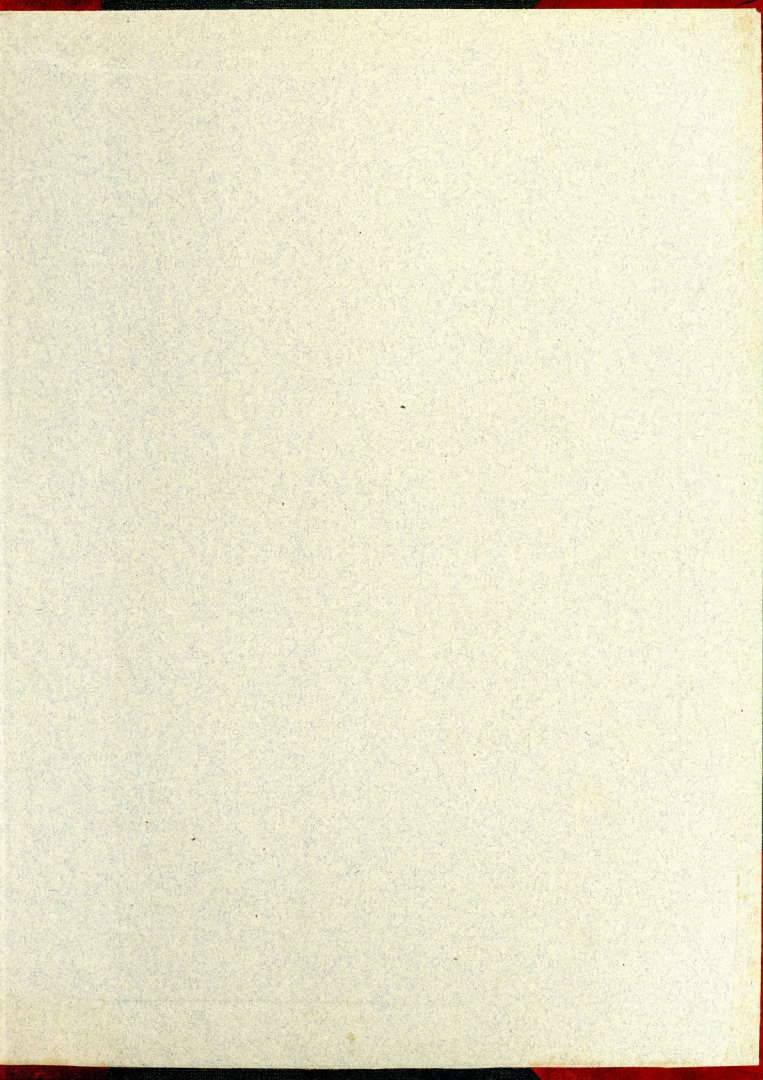












MUSEU  
RAFAEL  
BORDALO  
PINHEIRO

BI